

O artigo escrito pelo pesquisador francês Bruno Delmas possui como objetivo principal responder à questão que dá título ao texto “Para que servem os arquivos”, de maneira brilhante a escrita começa explanando a importância dos arquivos na sociedade tendo como base exemplos de diferentes épocas e situa como o ofício do arquivista foi se modificando de acordo com as mudanças ocasionadas pelo “progresso” da sociedade. De forma clara e objetiva é destacado quatro utilidades dos arquivos, sendo elas a prova, lembrança, compreensão e identificação, sendo que tais se modificam paralelamente às transformações ocorridas na sociedade.

Ao longo do texto é destrinchado cada utilidade que foi relacionada ao arquivo, merece destaque a forma como é utilizada de maneira muito bem colocada casos de diversos momentos da história para sustentar o argumento defendido pelo autor, como por exemplo no caso das utilidades dos documentos como prova. Nessa questão é interessante perceber como foi sendo institucionalizado a questão da evidência no arquivo ao longo dos anos, tendo sido utilizado como questão de dominação e poder por diversas sociedades em diferentes épocas e como isso ainda está presente dentro das instâncias burocráticas atualmente.

Em relação a utilidade do “lembrar”, é enriquecedor a forma como o autor debate a mudança de sua relação de acordo com as transformações históricas. Sempre munido de exemplos, é explanado a ideia de como a possibilidade do “lembrar” não tem se limitado apenas a consulta de documentos produzidos por determinada gestão, atualmente é reconhecido e reivindicado a necessidade de arquivar “memórias” e experiências dos antigos.

No pensamento tradicional e no senso comum é evidenciado que somente a partir dos documentos de caráter histórico é possível extrair conhecimento, de uma maneira singular o autor desconstrói essa visão de certa maneira dando luz a exemplos de como documentos de caráter administrativos também podem contribuir de maneira bem satisfatória para a produção de conhecimento.

Na minha visão ao ler esse texto, a parte mais instigante é quando se trata sobre a utilidade arquivística da “identificação”, pois de uma forma bem didática e explicativa o autor relaciona a questão da identidade com a memória. Importante destacar como é dada ênfase na

ideia de memória como lembrança social, na qual possui uma função de caráter político e social em contraste apenas de um fato testemunhal.

Esse fato é exemplificado por vários casos ocorridos ao longo da história, e sempre deixando claro a importância dos arquivos para a preservação das memórias de determinado povo, instituição ou sociedade e a partir de tais construir, resgatar ou reivindicar suas identidades. Como afirmado pelo pesquisador francês, os arquivos serviram para os antigos e novos regimes se enraizar no tempo, ou seja, usando os documentos e artefatos históricos para forjar, construir ou estabelecer uma identidade comum para suas nações e sociedades.

O conjunto de todo texto é regido por uma escrita envolvente, e a conclusão não é diferente. Afirmando a necessidade e a relevância da identidade para um povo, pois é o que une as pessoas em um laço social comum, alerta para não confundir identidade nacional com nacionalismo. O que geralmente acontece, colocam o nacionalismo e corporativismo no mesmo bojo da questão da identidade nacional levando a um entendimento errado do termo, sendo tal subjugado com uma ideia ultrapassada e sem função.

O texto é finalizado com uma reflexão muito pertinente, qualificando o arquivo como um desafio político, no qual sofre modificações em suas demandas de acordo com as transformações ao longo do tempo de forma distintas em cada sociedade. E o contexto que vai demandar a conservação ou a destruição dos arquivos, enfim, um constante desafio político que se transforma e reinventa.